

# **Dr. Robert C. Newman, Evangelhos Sinóticos,**

## **Aula 12, Teologia Sinótica**

© 2024 Robert Newman e Ted Hildebrandt

Vamos começar, e depois voltar para isso. Então eu vou fazer assim: puxar isso para fora. Certo, estamos continuando nosso curso de Evangelhos Sinóticos aqui. Doze unidades, se preferir.

Estamos quase prontos para começar a décima unidade, que é a Teologia Bíblica dos Sinóticos. Bem, uma pequena introdução à Teologia Bíblica primeiro, antes de pularmos para o assunto aqui. A frase Teologia Bíblica tem dois usos bem diferentes.

Um uso, Teologia Bíblica, está em contraste com Teologia Não Bíblica. Teologia Bíblica é aquela doutrina que está de acordo com o ensino da Bíblia, com o ensino das Escrituras. Nesse sentido, Teologia Bíblica é Teologia Ortodoxa.

Mas outro uso do termo é em contraste com a Teologia Sistemática. Teologia Bíblica e Teologia Sistemática. Nesse sentido, Teologia Bíblica é o estudo de como uma parte, geralmente, ou mesmo o todo, da Escritura, apresenta a teologia em seus próprios termos, seu próprio vocabulário, imagens, estrutura, esse tipo de coisa.

Nesse sentido, a Teologia Bíblica está tentando ver quais termos, imagens, etc., João usou para proclamar a Palavra de Deus nos Evangelhos, ou em 1º, 2º e 3º João, ou quais termos Paulo usou em suas epístolas, ou quais termos Isaías usou em sua profecia, etc., porque Deus trabalhou por meio dos indivíduos, e frequentemente, bem, ele os criou com diferentes habilidades e tal, e os colocou em culturas e com seus vários temperamentos e tal, então eles tinham estilos diferentes, e os colocou em diferentes períodos de tempo na história e tal, e então você acaba com termos diferentes sendo usados às vezes. Estamos aqui interessados neste segundo uso, embora, é claro, queiramos que nosso estudo seja Teologia Bíblica em ambos os sentidos. O assunto da Teologia Bíblica é realmente vasto, e aqui temos tempo e espaço apenas para olhar uma amostra.

Então, a primeira coisa que queremos fazer, se você preferir, é procurar alguns temas unificadores nos Evangelhos Sinóticos. A terminologia dos Evangelhos Sinóticos é frequentemente diferente do resto do Novo Testamento, até mesmo do Evangelho de João, que abrange os mesmos eventos. Uma maneira de ter uma ideia de algumas das ênfases dos Sinóticos, distintas do resto do Novo Testamento, é por meio de um estudo de estatísticas de palavras, comparando a frequência relativa de uso de várias palavras nos Sinóticos com a frequência dessas palavras no Novo Testamento como um todo.

Como nosso estudo de amostra, vamos considerar as seguintes frequências de palavras nos Sinóticos em relação a todo o Novo Testamento. Para esse propósito, lembre-se de que o comprimento do texto dos Sinóticos é cerca de um terço, ou digamos 0,33, de todo o Novo Testamento. Então, se as palavras ocorrem muito mais do que um terço das ocorrências no Novo Testamento, elas são especialmente comuns nos Sinóticos, e se elas estão muito abaixo de um terço, então elas são bastante raras nos Sinóticos.

Então, eu tenho um gráfico aqui, e estou olhando para os tópicos de Cristologia, amor, fé, salvação, perdão e reino, e então olhando para vários termos que ocorrem sob estes. Então, pegue Cristologia, primeiro de tudo. Bem, pegue as palavras relevantes, Cristo, a frase, Filho do Homem, e a frase, Filho de Deus.

Bem, o termo Cristo ocorre 40 vezes nos Sinóticos, mas ocorre 750 vezes em todo o Novo Testamento. Então, se você calcular a fração, isso é 0,05, o que é muito baixo comparado a 0,33. Então, o termo Cristo é realmente raro nos Sinóticos comparado ao resto do Novo Testamento. Por outro lado, o termo Filho do Homem ocorre 70 vezes nos Sinóticos, e apenas 87 em todo o Novo Testamento, então 0,8 das ocorrências estão nos Sinóticos, o que é bem alto, e acontece que quase todo o resto delas está em João.

O termo Filho de Deus ocorre 26 vezes nos Sinóticos, de 79 em todo o Novo Testamento, e isso dá 0,33, o que acidentalmente acontece de estar certo na média.

Então aqui vai um exemplo. Cristo é um termo sinótico raro, Filho do Homem é um termo sinótico incomumente comum, e Filho de Deus é quase o mesmo que no resto do Novo Testamento tomado como um todo.

Pegue os dois termos para amor. Não estou aqui pensando nos vários verbos para amor, mas no verbo agapao e no substantivo agape. Agapao ocorre 23 vezes nos Sinóticos, de 126 em todo o Novo Testamento, então é baixo, 0,18 contra 0,33, pensamos.

E ágape só ocorre duas vezes nos Evangelhos Sinóticos, de 107 em todo o Novo Testamento, então 0,02, então é muito baixo. Embora Jesus seja frequentemente visto fazendo coisas muito amorosas nos Sinóticos, essa terminologia não é uma terminologia Sinótica padrão. Se você pensasse em João, perceberia imediatamente que essa é uma palavra de frequência muito alta ali.

Fé. Novamente, pegamos duas palavras, o verbo pisteuo, confiar ou acreditar, e pistis, confiança, confiabilidade, crença, etc. Pisteuo, 34 de 223, então 0,15, tão baixo.

E então pistis , 24 de 233, então 0,10, e também baixo. Então, surpreendentemente, fé não é um termo sinótico comum, embora, novamente, se você estiver familiarizado com a Bíblia, você percebe que é um grande termo apolíneo, e que é um grande termo joanino também, mas não nos sinóticos. Salvação.

Aqui, escolhemos três palavras, o verbo sozo , salvar, o substantivo abstrato soteria , salvação, e a palavra ator soter , salvador. Sozo , 4 de 42, então é 0,09, baixo. Soteria, 45 de 103, 0,44, alto.

E soter , 2 de 24, 0,08, baixo. Então, os Evangelhos falam sobre resgate, libertação e salvação com bastante frequência, mas não falam muito sobre o verbo em si nem sobre o ator falado neste ponto, o que é, novamente, um pouco surpreendente, exceto que você se lembra da minha observação na discussão sobre as características literárias dos Evangelhos Sinóticos, que eles não trazem sua perspectiva pós-ressurreição. Eles estão tentando ajudar você a olhar para Jesus como ele apareceu para as pessoas antes de sua morte na cruz, e seu significado se tornou aparente, embora os escritores obviamente saibam algo desse tipo, mas eles estão tentando deixar você sentir como era.

Perdão, o verbo aphiemi , perdoar, e perdão, aphasis , perdoar, 114 de 144, 0,79, então é alto. E aphasis , 8 de 17, 0,47, que é alto, mas nem de longe tão alto quanto aphiemi . Então os Evangelhos parecem ser sobre perdão.

E então reino, basilea , basileus, o rei, e basileuo , para governar, basilea , 119 de 160, 0,74, então é alto. Reino é um tema nos Evangelhos, particularmente nos Evangelhos Sinóticos, e alguém poderia ter adivinhado isso se você os leu antes de alguma forma. Basileus, 44 de 110, 0,40, um pouco alto.

E basileuo , para reinar, 4 de 19, 0,21, um pouco baixo. Então, pergunto aos meus alunos, vocês sabem, por que vocês acham que Cristo é relativamente raro nos Evangelhos Sinóticos, de modo que Filho do Homem é enormemente comum? E vocês recebem várias respostas, mas isso é parte do que o segredo messiânico de Vreda se baseia. Jesus não andou pelas cidades e disse: Olá, companheiros, eu sou o Messias.

Ele não fez, como Satanás sugeriu que fizesse, um pouso suave no templo e disse: Olá , companheiros, o Messias chegou. Não foi assim que Deus planejou que Jesus viesse. E isso teria polarizado tudo imediatamente, e as autoridades teriam que ceder a ele sem se arrependem e, obviamente, interferir um pouco em sua morte substitutiva também.

Então, não podemos resolver tudo isso. Deus está lá atrás, trabalhando em todos os fios da trama e nas várias tramas enquanto elas se entrelaçam. Mas isso é pelo menos parte disso.

Por que Filho do Homem é enormemente comum? Não é fácil de ver, mas é a escolha de Jesus do termo que ele vai usar para si mesmo. E é um termo que, se você acertar na passagem certa, basicamente diz, Eu sou o Messias. Mas há um monte de outras passagens.

E então, pode significar apenas que eu sou um humano, o que, claro, ele é. Ou você pode pensar, Bem, o que Deus quer dizer quando chama Ezequiel de Filho do Homem? E significa apenas humano, o que pode significar? Ou significa que alguma pessoa escolheu executar os comandos de Deus ou algo assim?

Então, é ambíguo. E essa, eu acho, era a intenção ali. O livro de Herman Ridderbos, *The Coming of the Kingdom*, uma teologia bíblica dos Sinópticos, pega bem essas e outras características ao ver o tema principal dos Sinópticos como a vinda do reino.

Como um estudo de amostra da teologia bíblica, queremos resumir os pontos principais de Ridderbos aqui com sugestões ocasionais onde eu discordo dele e coisas desse tipo. O reino tem um tema principal na teologia bíblica dos sinóticos. Há 31 passagens nos sinóticos onde a frase reino dos céus é usada, e todas elas estão em Mateus.

Além disso, outras 49 passagens com o reino de Deus. E apenas quatro delas estão em Mateus. Estudaremos todas essas passagens, além de outras que usam o termo reino sem nenhuma dessas terminações, mas onde o contexto deixa claro que é o reino de Deus que está em mente, e não o reino de Herodes ou o reino de César ou algo assim.

Além disso, outras passagens parecem estar falando sobre o reino, mas não usam o termo de forma alguma. Esse é o truque em que você se mete quando pensa em estudos de palavras como tentar descobrir o que elas dizem sobre um livro ou algo assim. Você realmente tem que encontrar os lugares onde a frase é usada, lugares onde sinônimos são usados e esse tipo de coisa.

Bem, antes de tudo, o reino é caracterizado. Parece ser um erro fazer qualquer distinção enorme entre as frases reino dos céus e reino de Deus. Marcos e Lucas nunca usam a primeira frase, nunca usam reino dos céus, mas usam a última, reino de Deus, em lugares onde Mateus usa reino dos céus.

Por exemplo, Mateus 4:17 versus Marcos 1:15 ou Mateus 5:3 versus Lucas 6:20. Na verdade, o próprio Mateus usa tanto o reino de Deus quanto o reino dos céus em paralelo em Mateus 19:23 e 24. O palpite padrão hoje é que Mateus segue a prática judaica piedosa de às vezes usar substitutos para referências explícitas a Deus. Então, entre os judeus ortodoxos modernos escrevendo em inglês, você os verá escrever GD em vez de Deus.

Ou se eles estão usando um pseudo-hebraico, eles usam Elohim em vez de Elohim. Eles colocam um K em vez de um H, etc., ou outras coisas assim.

E essa é uma maneira moderna, se preferir, de evitar usar o nome de Deus. E achamos que o nome Jeová vem de algo desse tipo também, onde as consoantes para Yahweh recebem as vogais para Adonai, e você obtém Jeová. Não entraremos na explicação disso.

Bem, um dos substitutos usados nos tempos do Novo Testamento para Deus era o Céu. Havia um monte de outros substitutos também. O nome, o lugar e coisas desse tipo.

Bem, Riddabos sugere que o reino falado por Jesus nos Sinóticos pode ser caracterizado pelos seguintes termos. O reino é teocrático. O reino é dinâmico.

O reino é messiânico. O reino é o futuro. Mas o reino também é presente.

Então, vamos dizer uma palavra ou duas sobre cada um deles. Teocrático é bem direto, hein? O reino é governado por Deus. Isso é visto na terminologia, reino de Deus, que é o reino de Deus, e reino do céu, assim como pelo que é dito sobre esse reino em particular.

Então, Jesus está falando sobre como Deus governou de alguma forma. É dinâmico no sentido de que o termo reino é usado principalmente, desculpe-me, o termo não é usado principalmente como nossa palavra inglesa kingdom é. Nossa palavra inglesa kingdom é usada principalmente para se referir a um território espacial.

Então, o Reino Unido é o território governado pelo rei ou rainha da Inglaterra, e neste caso, são Inglaterra, País de Gales, Escócia, Irlanda do Norte e o Reino Unido. Mas, em vez disso, o termo reino é usado para se referir à atividade do rei. Então, é o governo de Deus.

O governo do Céu, se preferir. E esse tipo de governo pode ocorrer entre os seguidores de Deus em um mundo que está em rebelião contra Ele. Então o reino do Céu, o que poderíamos dizer no poço, vamos voltar e falar sobre o já e o ainda não, mas no sentido já está nos corações, se preferir, e nas vidas de Seus seguidores, mas um dia será universal neste outro sentido.

O reino de Deus, então, não é apenas teocrático e dinâmico, mas também é messiânico. É messiânico no sentido de que Deus governa por meio de Seu mediador, o Messias. Messias é um termo que vem da palavra hebraica para ungir, e Christos vem do termo grego para ungir, e ambos têm a ideia de que Deus

selecionou alguém para funcionar como Seu mediador ou agente em algum tipo de atividade.

Como já vimos nos sinóticos, Jesus usa o termo Filho do Homem para se referir a isso, mas de forma ambígua. Mas Filho do Homem tem um contexto muito importante em Daniel capítulo 7, onde os quatro reinos representando os reinos sucessivos dos humanos na terra são representados como bestas selvagens. E então alguém como um Filho do Homem, então alguém como um humano, vem diante de Deus, e Ele recebe de Deus o reino eterno e universal.

Então, o Filho do Homem é aquele que vai ser o governante eterno e universal. E o governante eterno e universal é basicamente uma definição de Messias, se preferir. Embora o termo não seja usado ali, é isso que significa naquela passagem.

Então, messiânico. O reino é futuro, pois é regularmente descrito em termos fortemente escatológicos e como ainda não tendo vindo. No entanto, está presente em algum sentido real, pois o reino também vem na primeira vinda de Jesus.

Esta solução me parece ser melhor do que a antiga ênfase dispensacionalista tradicional do reino que foi oferecido aos judeus e rejeitado, então o reino foi retirado, e então não voltou novamente até o milênio. Eu acho que quando você trabalha nas passagens, você vê que elas já estão aqui em algum sentido. E isso nos leva então à discussão de Ridderbos de, por um lado, o reino de Deus está presente, e então este reino é provisório.

Então, vamos olhar primeiro para a ideia de que o reino de Deus está presente, já está cumprido, já veio. O aspecto presente do reino pode ser visto em vários temas. Por exemplo, Satanás, o maligno, já foi vencido.

Ele é derrotado pela tentação de Jesus, o que é bem crucial quando você pensa que a tentação de Jesus é obviamente em algum sentido paralela à tentação de Adão e Eva, mas a deles foi no jardim; ele está no deserto. E para a tentação de Israel, eles estavam no deserto, ele está no deserto, etc. Então, é visto em sua derrota na tentação de Jesus, em Jesus e até mesmo seus discípulos expulsando demônios, então ele está vencendo, e até mesmo eles, através de seu poder, estão vencendo o poder de Satanás.

O comportamento um tanto bajulador dos demônios, e talvez até mesmo na queda de Satanás, é narrado para nós em Lucas 10:8-19, Lucas 11:21 e outros paralelos no Evangelho. Estou inclinado a colocar pelo menos um deles como provavelmente visualizando o futuro em vez de realmente ter ocorrido ainda, mas esse é um dos lugares onde Ridderbos e eu diferiríamos. O poder milagroso de Jesus já está sendo exibido em sua primeira vinda, tornando visível a restauração da criação, e esse é, de

fato, um dos temas, se você preferir, conforme você olha através dos milagres de cura e os milagres da natureza e coisas assim.

Restauração da criação e cumprimento da profecia messiânica, como vemos em Mateus 11:5 e Mateus 8:17. Na obra de Jesus, Deus está visitando seu povo enquanto a multidão grita em Lucas 7:16. As boas novas já estão sendo proclamadas, como previsto em Isaías 52:7.

Boas novas, seu Deus reina, etc. E Isaías 61 :1-2, que Jesus leu na sinagoga de Nazaré e proclamou como cumprimento neste dia, Lucas 4:21. Os seguidores de Jesus, em certo sentido, já possuem o reino dos céus.

Mateus 5:3-10, porque deles é o reino. Similarmente, abençoados são vocês porque veem, enquanto estes outros não viram. Mateus 13:16, Mateus 13:17.

Para este dia, a salvação chegou, Lucas 19:9. Pois seus nomes estão escritos, Lucas 10:20. E Jesus, o Messias, já está aqui.

O Messias veio. Ele é identificado como Messias. Meu filho em seu batismo, Mateus 3:17, em paralelos em sua transfiguração, Mateus 17:5, em paralelos.

E eles retomam o tema, meu filho, em 2 Samuel 7 e Salmo 2. O Filho do Homem está presente em muitas passagens. Os ditos oculares de Jesus são um testemunho poderoso de quem ele é. Mateus 11:28, 12:30, Mateus 10:32-42.

Então, o reino de Deus está presente. Mas, este reino presente é provisório, ainda não completo. Essa não é toda a história.

A apresentação bíblica é realmente mais complexa do que apenas um reino presente ou apenas um reino futuro. Lembro-me de quando eu estava fazendo um curso obrigatório sobre a Bíblia na Duke no início dos anos 1960, os liberais costumavam dizer, bem, havia duas visões diferentes. Algumas pessoas pensavam que Jesus e o reino tinham vindo, e algumas pessoas pensavam que era escatológico, e de alguma forma, as fontes misturavam isso.

Mas, na verdade, a tensão entre os dois é um tema muito bíblico. O reino é presente e futuro. Ambos os elementos ocorrem.

Embora os Evangelhos não usem nossas distinções entre presente-futuro ou primeira vinda, segunda vinda, eles usam as distinções desta era presente e da era por vir. Por exemplo, veja Marcos 10-30. Aqui vemos uma unidade com tensão que se reflete no problema que incomoda João Batista quando ele envia mensageiros a Jesus em Mateus 11:6.

És tu aquele que há de vir, ou devemos esperar outro? Jesus lhe dá uma resposta. Olhe para essas coisas que estão acontecendo, e João já sabe que essas são coisas que são preditas sobre o Messias. Então, o tempo do maligno ainda continua.

Satanás ainda tem poder. Este é um sentido em que o reino presente é provisório. Então, na Oração do Senhor, livra-nos do maligno, é o que oramos.

Ele deseja ter Pedro, Lucas 22:31 . O joio está crescendo com o trigo, e o joio são os filhos do maligno. Os demônios estão com medo de que Jesus tenha vindo para nos atormentar antes do tempo.

Mateus 8:29. Então, o tempo do maligno continua. Os milagres que Jesus faz são meramente sinais.

Eles são milagres reais, mas não são imediatamente seguidos pela consumação. Jesus limita seu uso. Até mesmo seu uso como evidência é restrito e conectado de uma forma ou de outra com a fé.

Então, Jesus... Pense na piscina de Betsaida. Há toda essa multidão de pessoas lá. Jesus cura uma pessoa.

Então, os sinais indicam a vinda do reino. Eles apontam para o fim, mas não são nem mesmo o começo do fim, que é esboçado para nós no Discurso do Monte das Oliveiras. Essas coisas são o começo, etc.

O propósito deles é subserviente à pregação do evangelho. Eles são para atrair pessoas. Eles são para nos contar algo sobre quem Jesus é e fazer com que as pessoas ouçam o evangelho.

As pessoas nem sempre os usam dessa forma. Você pode ver que eles estão usando a alimentação para serem alimentados e voltar para outro prato, se quiser. Jesus fala à multidão em parábolas para revelar e ocultar para aqueles que entendem e não entendem o mistério do reino.

Ou seja, o rei está aqui, mas o reino ainda não é como esperado. As parábolas do reino também nos mostram que a sementeira começa com a vinda de Jesus, mas a colheita não é até entrarmos na era em que o avanço do reino é retratado não em termos de conquista militar, mas em termos de crescimento.

O julgamento é, portanto, adiado. O joio é permitido crescer junto com o trigo até o fim dos tempos. O mestre, na parábola das minas, irá embora para receber seu reino e então retornará.



Enquanto isso, o que as pessoas fizeram aos outros é tratado como equivalente ao que fizeram a Jesus no material sobre ovelhas e bodes em Mateus 25. Durante esse atraso, o reino está trabalhando por meio da palavra de Jesus e dos labores dos discípulos. Várias parábolas de crescimento, nem todas, retratam o crescimento da palavra.

A parábola das minas e dos talentos retrata um tempo para os servos usarem o que lhes foi confiado. Esse trabalho que eles devem fazer envolve buscar o que está perdido. A parábola da figueira na vinha que o jardineiro vai cavar ao redor dela e colocar mais fertilizante nela, em Lucas 13, indica que ainda há tempo para arrependimento.

A busca é retratada nos materiais da ovelha perdida em Mateus 9, Mateus 10, Mateus 15 e Lucas 15, e nas parábolas do perdido, da moeda e do filho em Lucas 15. Em contraste com a colheita feita pelos anjos no fim da era, Mateus 13, aqui a colheita é feita pelos seguidores de Jesus nesta era, Mateus 9:35-38. É ao reino provisório que os materiais do servo do Senhor pertencem .

A Cristologia dos Sinóticos tem dois pontos focais: o filho do homem e o servo do Senhor, então pegue a passagem de Daniel e a passagem de Isaías se quiser. A primeira é enfatizada por meio de Daniel 7, mas com ambiguidade, a realeza de Jesus, a última, servo do Senhor, enfatiza sua obediência e sofrimento. A tentação do deserto nos mostra que o caminho da glória está na obediência, na dificuldade e no sofrimento.

Jesus se recusa a tomar o caminho rápido e espetacular, o pouso suave no templo, ou se curvar a Satanás e obter todos os reinos do mundo. Isso é em cumprimento às passagens do servo sofrido em Isaías 40-55. O segredo messiânico é necessário para a rejeição.

Então, qual é a relação entre o reino de Jesus e a cruz de Jesus? Bem, há, obviamente, apenas uma pequena manifestação do reino antes da cruz. A crucificação, em certo sentido, adia o julgamento final, abrindo espaço para o reino presente provisório, e a pregação do evangelho realmente só se desenvolve após a ressurreição. Então isso nos leva à discussão de Ridderbos sobre o evangelho do reino.

O que são essas boas novas do reino? Como sabemos que o reino Ridderbos vê dois aspectos das boas novas? Salvação e isso certamente soa como boas novas e mandamentos, o que não soa como boas novas para a maioria de nós nesta era um tanto frouxa. A rigor, as boas novas não são notícias.

É o cumprimento das promessas do Antigo Testamento. São boas novas para os pobres, especialmente para os piedosos que são oprimidos. As Bem-aventuranças,

particularmente na apresentação delas por Lucas, são mais claras com as bênçãos e maldições colocadas lado a lado.

Os piedosos que são oprimidos são vistos como juízes injustos. Envolve uma nova aliança. Envolve um novo Israel do povo do prazer de Deus.

Que salvação está sendo oferecida? Que resgate está sendo oferecido? Bem, Ridderbos diz que é remissão de pecados. Ela é cumprida na vinda e obra de Jesus. Suas boas novas de salvação são a antítese da doutrina rabínica de recompensa.

E isso nos leva um pouco à velha visão de Paulo versus a nova visão de Paulo, etc. E eu tenho que dizer, na maioria das linhas, eu concordo com a velha visão de Paulo sobre essa coisa em particular. As boas novas de salvação de Jesus são meio que o oposto da visão rabínica de recompensa.

Pense no fariseu e no cobrador de impostos em Lucas 18:9-14. Deus, eu te agradeço, eu não sou como os outros caras. Particularmente, este cobrador de impostos indica o cobrador de impostos.

É retratado em Deus sendo nosso Pai tanto como uma relação presente quanto como a bem-aventurança futura. Isso nos dá a certeza da salvação. É cumprido na vinda de Jesus, o verdadeiro Filho de Deus.

Embora não seja conquistado, não conquistado por nós, aqueles que são salvos são caracterizados por fazer a vontade do Pai. Claro, é conquistado por Jesus, então ele o conquista para nós. E ainda assim aqueles que são salvos são caracterizados por fazer a vontade do Pai.

Esta é uma parte muito importante do evangelho que tende a se perder nesta controvérsia Senhorio-Salvação por um lado que basicamente diz, bem, nada precisa aparecer em sua vida. Enquanto a imagem bíblica é, se você for realmente salvo, essas coisas aparecerão em sua vida. Como os mandamentos se encaixam nas boas novas? A intenção de Deus para seus filhos é que eles sejam justos.

Por que todo esse problema de julgamento e inferno e esse tipo de coisa? É porque não somos justos. Deus não nos salvou para sermos injustos pela eternidade. Ele nos salvou para sermos justos, etc.

As exigências de Deus são resumidas como retidão. Todos os outros valores que podemos ter devem ser sacrificados pelo reino. É isso que realmente importa.

As boas obras que fazemos demonstram a presença do reino. Cumprimos a lei, o Sermão da Montanha, dando a ela sua medida completa. O Sermão da Montanha, de fato, dá a antítese à interpretação rabínica da lei.

Você já ouviu isso dito, mas eu digo a você, etc. Jesus não é contra a lei, mas contra a recusa de se comprometer totalmente com a lei de Deus. Uma abordagem bem diferente do que é comum em uma sociedade antinomiana.

O reino e a igreja. Ridderbos pergunta como o reino está relacionado à igreja. Ridderbos sugere que o reino é a obra de salvação de Deus consumada em Jesus Cristo. Sua regra é que isso vai acontecer e que isso vai ser resolvido por meio de Jesus.

A igreja, por outro lado, são as pessoas que são chamadas por Deus; elas compartilham da bem-aventurança do reino e, claro, elas participam da obra de salvação de Jesus espalhando a mensagem e sendo amostras, se preferir. Ridderbos faz a pergunta, como o reino está relacionado à Ceia do Senhor? Ele sugere que a Ceia do Senhor exibe dois temas: a morte de Cristo e o reino escatológico. Então, a morte de Cristo, meu sangue e corpo, mas o reino escatológico, não comerei disso novamente até que eu o beba com vocês novos no reino, etc.

E todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, fazei-o até a vinda do Senhor. A Ceia do Senhor faz uma distinção entre o início e a consumação do reino. Isto também é visto na natureza provisional da Ceia.

Lembre-se de que Elio Cucarro, um dos nossos graduados, fez uma dissertação de doutorado sobre a Ceia do Senhor, e um dos professores da Reforma deu uma palestra no Seminário Bíblico, e ele disse, esta é uma imagem do reino escatológico, mas você bebe uma pequena taça de ceia, ou no cálice, você bebe um gole, e você come um pedacinho de pão, etc. É projetado para que você não confunda com a própria Ceia. Então, visto na natureza provisória da Ceia, mero detalhe, e ela é notável até eu chegar.

É uma imagem da nossa comunhão à mesa por meio da morte de Cristo. Ela retrata Jesus como o sacrifício inaugurando a nova aliança, a nova aliança no meu sangue. Isso é interessante aí.

Quando Moisés inaugura a nova aliança, ele diz, este é o sangue da aliança, e ele o asperge sobre o povo, do lado de fora do povo. Jesus diz, este é o sangue da aliança, e nós o levamos para dentro de nós mesmos. Contraste interessante aí também.

Contra a posição católica romana, a Ceia do Senhor é uma refeição sacrificial em vez do sacrifício em si. No contexto do Antigo Testamento, o sacrifício já ocorreu, e agora o animal é cozido e preparado para, digamos, uma oferta de agradecimento ou uma oferta de voto ou algo assim, onde você tem uma refeição, etc. porque o sacrifício em si já foi feito uma vez por todas, como vemos no Livro de Hebreus, não explícito aqui nos Evangelhos.

Por fim, Ridderbos volta-se para pensar sobre a consumação futura do reino. Os liberais geralmente afirmam que Jesus e os discípulos pensaram que a segunda vinda ocorreria no primeiro século, mas estavam enganados. Essa é a visão liberal padrão do assunto.

Mas Ridderbos diz que esta é uma simplificação de um problema complexo pelo descarte seletivo de dados inconvenientes. Então, é uma boa declaração metodológica aí, eu acho. Uma das características que você vê no tratamento liberal dos Evangelhos é a divisão muito elaborada do material e a discussão elaborada de diferentes supostos círculos e grupos que defendiam essas coisas diferentes.

Mas então cada um deles defende uma visão muito simplista das coisas, onde a imagem bíblica é que você obviamente tem muitos hereges, mas você tem um ensinamento unificado das Escrituras e dos verdadeiros seguidores de Jesus tentando segui-lo. Mas o ensinamento em si tem algumas complexidades nele. Ridderbos observa duas coisas nas previsões de Jesus.

Suas declarações de paixão basicamente nos levam e surgem da imagem dos servos sofredores de Isaías. E há as declarações de parousia, que surgem e nos levam de volta ao filho do homem de Daniel. Elas não foram colocadas juntas antes da ressurreição, então os discípulos não entenderam como colocá-las juntas.

A Grande Comissão então, em Mateus 28:16-20, meio que levanta o véu desse mistério e inaugura um novo período na história da salvação. Isso tinha sido implícito anteriormente, tão leve para os gentios e esse tipo de coisa, mas não tinha sido esclarecido. A ressurreição revela uma conexão íntima entre o papel de Jesus como servo e como filho do homem.

Os eventos em sua crucificação, o véu do templo rasgado, o terremoto e as ressurreições prefiguram o fim dos tempos, a parousia. O fim dos tempos em si é um ponto de orientação, uma meta, para o período após a ressurreição de Jesus. O trabalho e as metas dos discípulos são agora vistos à luz da segunda vinda, ou seja, que uma grande tarefa precede a vinda escatológica do reino.

Jesus, no entanto, não dá nenhuma pista sobre quão grande seria o período de tempo que decorreria antes da parousia. Os discípulos de Jesus são chamados a discernir os tempos. A segunda vinda deve ser repentina, mas os sinais não são excluídos.

Certamente não precisaremos de sinais para reconhecer sua ocorrência, e então Jesus nos dá o exemplo do relâmpago, que você pode estar olhando na direção errada, e verá o relâmpago. Você pode até mesmo fechar os olhos, e verá o relâmpago. E os abutres, há uma carcaça a três milhas de distância. Você nunca veria

a carcaça a essa distância, mas você vê os abutres circulando-a, então você não precisa estar bem na segunda vinda para vê-la.

Haverá todos esses sinais que apontarão para isso. O principal ensinamento escatológico de Jesus, diz Ridderbos , é dado no Discurso do Monte das Oliveiras, Mateus 24-25, Marcos 13, Lucas 21. Pode ser resumido da seguinte forma.

Primeiro há o começo das dores, depois há a grande tribulação, e depois há a parousia , ou segunda vinda. Ridderbos aponta que a grande tribulação se refere à queda de Jerusalém, mas não exclusivamente. E eu concordo com ele nesse ponto em particular.

Você está começando a ter algumas pessoas, alguns preteristas extremos, que dizem que a queda de Jerusalém FOI a segunda vinda, e não haverá nenhuma outra. E há outros que dizem que é pelo menos disso que se trata o Discurso do Monte das Oliveiras. Mas eu acho que é mais do que isso.

Minha leitura seria, isso talvez seja um pouco diferente do que Ridderbos , é que o evento em torno da queda de Jerusalém é uma espécie de ensaio geral para a segunda vinda. Ridderbos aponta que Mateus e Marcos unem dois motivos, a queda de Jerusalém e a segunda vinda. E, novamente, minha resposta seria, haverá outra queda de Jerusalém em conexão com a segunda vinda, assim como aquela em conexão com a primeira vinda, se preferir.

O que devemos fazer com os pronunciamentos de Jesus com tempo limitado? Esse é um tipo de tema padrão da teologia liberal. Perry Phillips, quando estava em Cornell, uma vez foi à Sage Chapel para ouvir o bispo Pike falar. Ele me disse que uma das declarações do bispo Pike foi que Jesus disse que voltaria novamente.

Onde ele está? Já faz 2.000 anos, etc. Isso, de fato, já estava previsto que haveria esse tipo de reação. A interpretação de Ridderbos sobre o que Jesus quis dizer com esta geração, que Ridderbos leu é certeza sem nenhuma indicação de tempo, parece um tanto fraca para mim.

Eu prefiro a referência em vez de dizer que Jesus está fazendo o que não é incomum em muitas das profecias do Antigo Testamento, e que é pedir aos ouvintes que imaginem que estão presentes quando algum evento futuro ocorre. E então, Jacó, em seu último testamento e testamento na frente de seus filhos, diz você, Rúben, isso vai acontecer com você, e isso vai acontecer com Judá, etc. Mas, na verdade, eles vão acontecer com seus descendentes no futuro .

E então, eu entendo que Jesus está dizendo que a geração que não passará é a geração que vê esses sinais que ele mencionou. As coisas não vão se espalhar por 1.000 anos ou algo assim. Os sinais distintivos virão bem perto do fim dos tempos.

Ridderbos acha que alguns que estão aqui se referem à ressurreição, então alguns que estão aqui verão o reino vindo, já que poder se refere à ressurreição. Não tenho objeção a que essa seja uma das referências, mas todos os três evangelhos sinóticos imediatamente dão a transfiguração deles sem nem mesmo uma quebra de capítulo e os outros dois com quebras de capítulo, mas os escritores do evangelho não colocaram as quebras de capítulo. Então, essa seria minha leitura sobre isso.

Acredito, no entanto, que a ambiguidade de Jesus em ambas é intencional. Ele não pretendia que soubéssemos que não seria por 2.000 anos ou por quanto tempo realmente seria. As parábolas da Parousia, Ridderbos aponta, apontam para um período substancial entre a Ascensão e a Parousia, mas não podemos dizer com antecedência se serão anos ou séculos.

Obviamente, uma vez que estamos séculos fora, olhando para trás, podemos dizer que serão séculos, dado que o cristianismo é verdadeiro. E quanto ao cumprimento e consumação das profecias escatológicas? Os sinóticos não dão uma apresentação sistemática da escatologia. Provavelmente o Livro do Apocalipse seria o mais próximo, e você pode ver toda a disputa sobre isso também.

Você basicamente tem uma situação de juntar peças de quebra-cabeça olhando para as várias formas e cores em cada peça e juntando-as, mas você não tem uma imagem completa que lhe permita saber onde todas as peças vão. Ridderbos vê vários ensinamentos que ele diz que podem ser exagerados para produzir contradições, mas eles são realmente consistentes. E eu acho que, de fato, é um bom princípio geral também.

Há muitas coisas que a Bíblia diz que se você as pressionar demais, se você tentar fazê-las fazer mais do que o que o escritor pretendia, e estou aqui pensando em Deus como um escritor divino, bem como nos humanos escrevendo que você obterá coisas que não funcionam direito. Ele sugere que essas características particulares aparecem e, se não forem pressionadas demais, são consistentes antes de tudo, que somos chamados a prestar atenção aos sinais para não sermos enganados por falsos messias.

E os sinais, ele sugere, são que haverá um começo de tristezas, haverá a abominação da desolação, haverá a grande tribulação e haverá catástrofes cósmicas. Então, você precisa prestar atenção a elas e não fugir em outras direções. A abominação da desolação, diz Ridderbos, tem elementos judaicos e universais.

Concordo que isso é verdade. Minha sugestão é que isso provavelmente se encaixa melhor em uma visão pré-mill do que em Ridderbos visão amill de que essas coisas estarão acontecendo em Jerusalém porque os judeus estão lá, etc., o que os amilenistas do século 19 não esperavam, embora certamente alguns pré-milenistas

do século 19 esperassem. Tenho um artigo de Samuel Kellogg no meu livro sobre Profecia Cumprida e ele definitivamente, na década de 1880, esperava o retorno de Israel, e ele não iria prever quando isso aconteceria, mas viu que os materiais bíblicos empurravam nessa direção.

Então, preste atenção aos sinais. Os sinais são o começo das dores, abominação da desolação, grande tribulação, catástrofes cósmicas. A abominação da desolação, como diz Ridderbos, tem elementos judaicos e universais.

Alguns que viveram na época de Jesus testemunharão Sua poderosa manifestação como Filho do Homem antes de morrerem, incluindo Seus inimigos. Eu sugiro que isso envolve, um, as visões dos discípulos em vários momentos, como vemos no livro do Apocalipse. Dois, ele diria, Seus inimigos.

Bem, um, Paulo, pensando na estrada para Damasco, mas dois, os principais sacerdotes, esses soldados assustados vêm correndo, e o que eles fazem? Eles obstruem. Eles viram os sinais, mas eles vão continuar sendo Seus inimigos. Outro ponto importante endereçado aos seguidores de Jesus é não desistir de orar pela vinda do reino, pois Deus o cumprirá rapidamente em Seu tempo.

Esteja atento. Ninguém sabe quando Ele virá. E não se esqueça da grande tarefa enquanto isso.

Para que estamos aqui? A seção mais fraca de Ridderbos em todo o seu livro, etc., parece ser esta sobre profecia e história. Ele observa que a profecia carece de perspectiva de tempo e que, de fato, é muito semelhante aos picos de montanha dispensacionalistas da profecia, e eu concordo com isso. Não é configurado para que possamos desenhar um gráfico e ter certeza de que temos todas as peças no lugar certo.

Isso não significa que não devemos fazer algumas tentativas nessa direção. Ridderbos vê um entrelaçamento de elementos judaicos e universais, como na queda de Jerusalém, 70 d.C., primeiro, e o fim dos tempos, segundo. Esse entrelaçamento, ele sugere, não deve ser resolvido pela crítica da forma, nem como interpretação após o fato, como se os escritores do evangelho estivessem todos escrevendo depois de 70 d.C. Em vez disso, ele diz, o profeta pinta o futuro em cores que ele conhece, incluindo seu próprio horizonte geográfico.

Ele é poético, usando linguagem figurativa em vez de alegórica. Não tenho problema com isso, por si só, mas, de grande parte da escatologia, teremos que esperar para ver o que acontece. Sua visão particular pode exigir que você interprete desta forma e desta forma e desta forma e desta forma, mas você pode estar errado.

Devemos, mesmo que tenhamos uma visão particular como sendo mais provável do que as outras, estar prontos para fazer ajustes se acontecer de Deus ter algumas surpresas para nós nessa direção. Há outros temas nos Sinóticos pelos quais alguém poderia tentar montar uma imagem de seus ensinamentos teológicos, mas acredito que Ridderbos acertou em um muito importante neste termo: a vinda do reino, esta frase, a vinda do reino. Então, esse é um rápido passeio pela teologia bíblica, os Sinóticos, e ele pega alguma ideia de como isso é feito e algumas das coisas que você pode ver lá, e eu acho muito valioso para esse propósito.

Certo, nos veremos novamente aqui mais tarde, quando passarmos para a décima primeira e décima segunda seções do nosso curso.